Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação — REASE

doi.org/10.51891/rease.v12i11.32641

MANIFESTAÇÕES UROGENITAIS NO ENVELHECIMENTO FEMININO E SUAS REPERCUSSÕES NA AUTONOMIA FUNCIONAL E QUALIDADE DE VIDA: REVISÃO SISTEMÁTICA

UROGENITAL MANIFESTATIONS IN FEMALE AGING AND THEIR IMPACT ON FUNCTIONAL AUTONOMY AND QUALITY OF LIFE: A SYSTEMATIC REVIEW

MANIFESTACIONES UROGENITALES EN EL ENVEJECIMIENTO FEMENINO Y SUS REPERCUSIONES EN LA AUTONOMÍA FUNCIONAL Y LA CALIDAD DE VIDA: REVISIÓN SISTEMÁTICA

Augusto Lucas Martins dos Santos[1]
Giovanna Cordeiro Felix[2]
Lorrane Formosa de Carvalho Silva[3]
Marília Nascimento de Carvalho[4]
Sione de Jesus Landim[5]
Taillane Santos Matos Ferreira[6]
Tâmalla Rebbeca Novais Nery[7]
Thaiana Marcelino Lima[8]

RESUMO: Introdução: O aumento da longevidade feminina exige atenção às alterações da pós-menopausa, que podem favorecer sintomas geniturinários, frequentemente subdiagnosticados e associados à redução da autonomia e da qualidade de vida de mulheres idosas. Objetivo: Analisar as evidências científicas sobre a relação entre sintomas e disfunções urogenitais e seus impactos na autonomia funcional e qualidade de vida de mulheres idosas. Metodologia: Realizou-se revisão sistemática da literatura, conforme as recomendações do PRISMA 2020. As buscas foram realizadas nas bases SciELO, BVS e PubMed, utilizando descritores DeCS e MeSH, considerando estudos publicados entre 2016 e 2025, com mulheres ≥60 anos. Dos 32 registros triados, 29 foram excluídos, resultando em três estudos na amostra final. Resultados: Os estudos demonstraram associação entre sintomas urogenitais, principalmente incontinência urinária, e redução da autonomia e qualidade de vida. Observou-se ainda que muitas mulheres naturalizam esses sintomas como parte do envelhecimento e não procuram atendimento. Exercícios do assoalho pélvico mostraram-se eficazes na redução dos sintomas e melhora da qualidade de vida. Conclusão: Os sintomas urogenitais comprometem a autonomia e a qualidade de vida das mulheres idosas, evidenciando a importância do diagnóstico precoce e da orientação quanto ao manejo do assoalho pélvico.

Palavras-chave: Envelhecimento feminino. Sintomas urogenitais. Qualidade de vida.

[1] Estudante de Fisioterapia. UniFTC.
[2] Estudante de Enfermagem. UniFTC.
[3] Estudante de Farmácia. UniFTC.
[4] Estudante de Fisioterapia. UniFTC.
[5] Estudante de Enfermagem. UniFTC.
[6] Orientadora. UniFTC.
[7]Coorientadora. UniFTC.
[8] Coorientadora. UniFTC.

ABSTRACT: Introduction: Increased female longevity necessitates attention to postmenopausal changes that can lead to genitourinary symptoms—often underdiagnosed and associated with reduced autonomy and quality of life among older women. Objective: To analyze scientific evidence regarding the relationship between urogenital symptoms and dysfunctions and their impact on the functional autonomy and quality of life of older women. Methodology: A systematic literature review was conducted following PRISMA 2020 guidelines. Searches were performed in the SciELO, BVS, and PubMed databases using DeCS and MeSH descriptors, covering studies published between 2016 and 2025 involving women aged 60 years or older. Of the 32 records screened, 29 were excluded, resulting in a final sample of three studies. Results: The studies demonstrated an association between urogenital symptoms—particularly urinary incontinence—and reduced autonomy and quality of life. It was also observed that many women normalize these symptoms as part of aging and do not seek medical care. Pelvic floor exercises proved effective in reducing symptoms and improving quality of life. Conclusion: Urogenital symptoms compromise the autonomy and quality of life of older women, highlighting the importance of early diagnosis and guidance on pelvic floor management.

Keywords: Female aging. Urogenital Symptoms. Quality of life.

RESUMEN: Introducción: El aumento de la longevidad femenina exige atención a los cambios posmenopáusicos, que pueden favorecer síntomas genitourinarios, frecuentemente infradiagnosticados y asociados con la reducción de la autonomía y de la calidad de vida de las mujeres mayores. Objetivo: Analizar las evidencias científicas sobre la relación entre síntomas y disfunciones urogenitales y sus impactos en la autonomía funcional y la calidad de vida de mujeres mayores. Metodología: Se realizó una revisión sistemática de la literatura, de acuerdo con las recomendaciones PRISMA 2020. Las búsquedas se realizaron en las bases SciELO, BVS y PubMed, utilizando descriptores DeCS y MeSH, considerando estudios publicados entre 2016 y 2025, con mujeres ≥60 años. De los 32 registros cribados, 29 fueron excluidos, resultando tres estudios en la muestra final. Resultados: Los estudios demostraron asociación entre síntomas urogenitales, principalmente incontinencia urinaria, y reducción de la autonomía y calidad de vida. También se observó que muchas mujeres naturalizan estos síntomas como parte del envejecimiento y no buscan atención. Los ejercicios del suelo pélvico mostraron eficacia en la reducción de los síntomas y mejora de la calidad de vida. Conclusión: Los síntomas urogenitales comprometen la autonomía y la calidad de vida de las mujeres mayores, evidenciando la importancia del diagnóstico precoz y la orientación sobre el manejo del suelo pélvico.

Palabras clave: Envejecimiento femenino. Síntomas urogenitales. Calidad de vida.

1 INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional constitui um fenômeno demográfico de grande relevância para a saúde pública, acompanhado pelo aumento da expectativa de vida e pela crescente participação da população idosa na sociedade. No Brasil, esse processo apresenta importante componente de feminização da velhice, uma vez que as mulheres apresentam maior expectativa de vida, o que amplia a necessidade de atenção às condições de saúde específicas dessa população (IBGE, 2023).

O envelhecimento feminino está associado a alterações fisiológicas que podem repercutir sobre diferentes sistemas do organismo. Entre elas, destacam-se as modificações relacionadas ao período pós-menopausal, caracterizado pela redução dos níveis hormonais, que pode afetar os tecidos do trato genital e urinário inferior. Essas alterações podem estar relacionadas ao

surgimento de sintomas como urgência urinária, aumento da frequência urinária, disúria, infecções urinárias recorrentes e perda involuntária de urina, manifestações frequentemente agrupadas no contexto da síndrome geniturinária da menopausa (VALADARES et al., 2022; CLARK; GOETSCH, 2024).

A síndrome geniturinária da menopausa envolve manifestações genitais, sexuais e urinárias decorrentes, principalmente, da redução da estimulação hormonal após a menopausa. Entre os sintomas urinários descritos estão urgência, aumento da frequência miccional, disúria e infecções urinárias recorrentes. Apesar de sua relevância clínica, essa condição permanece subdiagnosticada e subtratada, podendo repercutir negativamente na saúde e no bem-estar das mulheres (VALADARES et al., 2022; COX et al., 2023).

Além das alterações fisiológicas, os sintomas urogenitais podem produzir repercussões significativas na qualidade de vida. A presença de alterações urinárias pode gerar constrangimento, insegurança, restrição da participação social e redução da realização de atividades cotidianas. Evidências recentes também apontam associação entre sintomas urinários e prejuízos relacionados à qualidade de vida em populações geriátricas (EREDICS et al., 2023).

A relação entre a incontinência urinária e a qualidade de vida também é evidenciada em pesquisas com diferentes populações. Pizzol et al. (2021), em uma revisão sistemática e metanálise, identificaram associação entre a incontinência urinária e prejuízos na qualidade de vida. Da mesma forma, Shearon e Alexander (2025) investigaram a relação entre a gravidade dos sintomas urinários e a qualidade de vida, destacando a importância de considerar não apenas a presença da incontinência, mas também a intensidade de suas manifestações. Esses achados reforçam a necessidade de investigar as repercussões dos sintomas urogenitais no cotidiano das mulheres idosas, considerando suas dimensões físicas, emocionais e sociais.

Nesse contexto, a qualidade de vida deve ser compreendida de maneira multidimensional, considerando aspectos físicos, psicológicos, sociais e funcionais. As repercussões dos sintomas urogenitais não se limitam à presença de manifestações clínicas, podendo interferir na independência, na autonomia funcional e na participação social das mulheres idosas.

Diante da relevância do tema, torna-se necessário reunir e analisar criticamente as evidências científicas disponíveis acerca da relação entre sintomas urogenitais, autonomia funcional e qualidade de vida em mulheres idosas. A revisão sistemática permite sintetizar os conhecimentos produzidos sobre determinada questão de pesquisa de maneira estruturada e

transparente, possibilitando identificar padrões, lacunas e limitações na literatura científica. Para a condução e apresentação da revisão, será utilizado o Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA 2020), conjunto de recomendações destinado à apresentação transparente de revisões sistemáticas (PAGE et al., 2021).

Assim, este estudo teve como objetivo analisar, por meio de uma revisão sistemática da literatura científica, a relação entre os sintomas e as disfunções urogenitais e suas repercussões sobre a autonomia funcional e a qualidade de vida de mulheres idosas.

2 METODOLOGIA

Foi uma revisão sistemática da literatura, de caráter descritivo e analítico, com o objetivo de identificar, avaliar e sintetizar as evidências científicas disponíveis sobre a relação entre sintomas e disfunções urogenitais, autonomia funcional e qualidade de vida em mulheres idosas. A elaboração e apresentação da revisão seguem as recomendações do PRISMA 2020, que estabelece orientações para o relato transparente das etapas de identificação, seleção, avaliação e síntese dos estudos incluídos (PAGE et al., 2021). Para a inclusão, consideram-se estudos originais publicados no período de 2016 a 2025, respeitando os demais critérios de exclusão e inclusão estabelecidos, realizados com mulheres com idade igual ou superior a 60 anos, estudos que investiguem sintomas ou disfunções urogenitais e que apresentem pelo menos um dos seguintes desfechos: qualidade de vida, autonomia funcional ou funcionalidade, estudos publicados em português, inglês ou espanhol. Foram excluídos: estudos de revisão, editoriais, cartas ao editor e relatos de caso, trabalhos apresentados apenas em formato de resumo, estudos sem acesso ao texto completo, estudos que não apresentem dados específicos para mulheres idosas; estudos que abordam sintomas urogenitais sem relação com os desfechos de interesse, duplicatas identificadas entre as bases de dados.

Fonte: Elaborado pelo autor (2026), adaptado de Page MJ et al. (2021)

No que concerne à extração e síntese de dados, as informações dos estudos selecionados foram organizadas em uma tabela padronizada, contendo autor e ano de publicação, objetivo do estudo, desenho metodológico, faixa etária, sintomas ou disfunções urogenitais avaliados, desfechos relacionados à qualidade de vida e relacionados à autonomia ou funcionalidade, principais resultados e limitações encontradas pelos autores. A análise e a síntese dos achados foram sintetizados de forma qualitativa e com descrição narrativa, destacando os principais padrões encontrados, convergências, divergências e lacunas existentes na literatura.

3 RESULTADOS

3.1 Seleção dos estudos

O processo de identificação, seleção e inclusão dos estudos foi organizado conforme as recomendações do Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA 2020). Foram encontrados 320 registros nas bases consultadas, após a remoção de 31 duplicatas, 289 registros foram submetidos a leitura de títulos e resumos com aplicação dos critérios de inclusão estabelecidos. Nessa etapa 257 artigos foram excluídos por não atenderem aos critérios de elegibilidade estabelecidos, principalmente por não abordarem a população ou os desfechos da revisão, restando 32 artigos para a análise completa e detalhada. Nesta análise 29 artigos foram excluídos, sendo 7 por possuir amostra populacional fora dos critérios, 4 por desfecho de pesquisa incompatível com o estudo, 6 fora do período de publicação estabelecido para inclusão e 12 por serem tipos de estudos incompatíveis com os critérios, tendo por fim 3 artigos incluídos. O fluxo completo é apresentado na figura 1.

Figura 1 – Fluxograma do processo de seleção, adaptado do PRISMA 2020

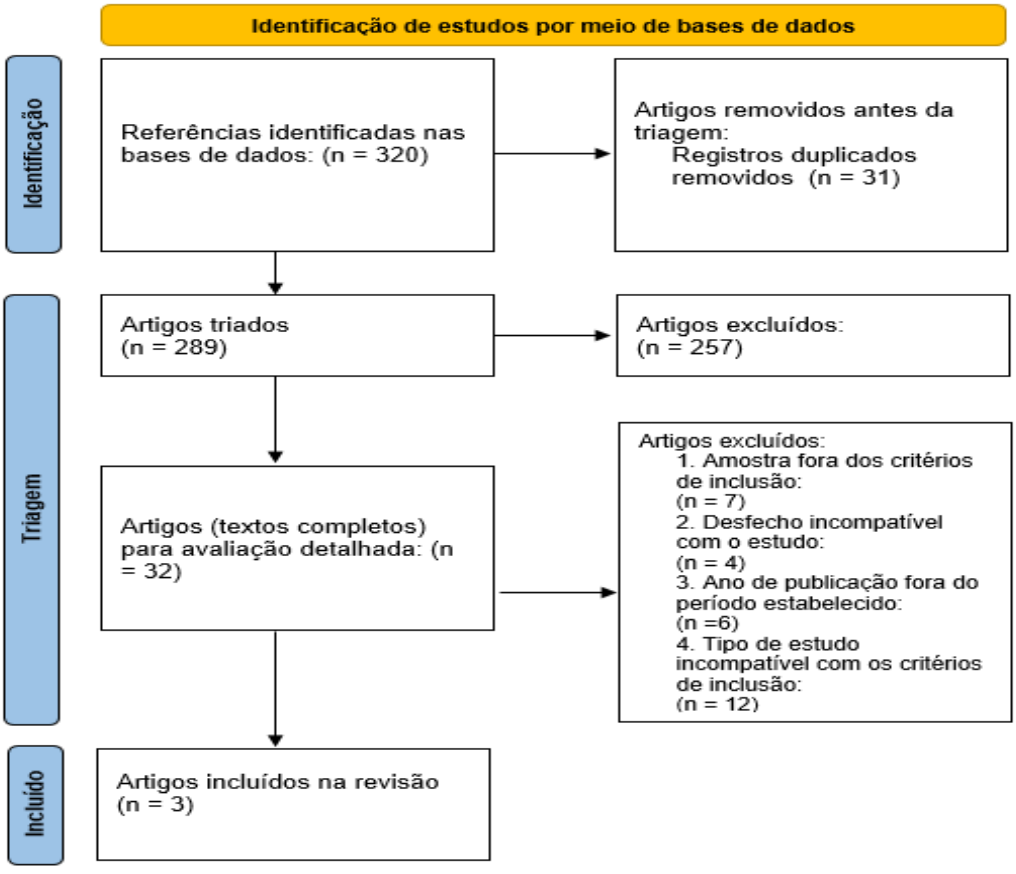


Tabela 1 – Caracterização dos estudos incluídos na revisão

Autor/ano	Objetivo	Delineamento	Amostra	Manifestação avaliada	Instrumentos/avaliação	Principais resultados
Koster e Pereira (2024)	Investigar a ocorrência de incontinência urinária, fatores associados e repercussões na qualidade de vida.	Estudo transversal.	30 mulheres idosas fisicamente ativas; idade média de 69,76 ± 7,17 anos.	Incontinência urinária, com predominância da incontinência urinária de esforço.	Questionário sociodemográfico, avaliação antropométrica, ICIQ-SF e King's Health Questionnaire.	Foram descritos fatores associados, como sobrepeso, doenças crônicas, hipertensão arterial e histórico de partos vaginais. O impacto na qualidade de vida não foi considerado significativo na amostra.
Silvério e Vieira (2016)	Investigar a ocorrência de incontinência urinária e seu impacto na qualidade de vida de pessoas idosas.	Estudo observacional; o artigo não especifica o delineamento com maior precisão no trecho apresentado.	50 pessoas idosas: 25 mulheres e 25 homens.	Incontinência urinária e perdas associadas à urgência, tosse e espirro.	International Consultation on Incontinence Questionnaire – Short Form (ICIQ-SF).	28 participantes (56%) relataram incontinência urinária. Entre essas pessoas, 64,3% eram mulheres e 35,7% homens. O estudo descreveu repercussões na qualidade de vida.
Pautasso et al. (2025)	Avaliar a evolução dos sintomas urinários e da qualidade de vida após 12 semanas de tratamento com prasterona intravaginal.	Estudo observacional de coorte.	21 mulheres na pós-menopausa com síndrome geniturinária da menopausa e urgência urinária, sem hiperatividade do detrusor demonstrada no estudo urodinâmico.	Síndrome geniturinária da menopausa e urgência urinária.	Urogenital Distress Inventory – Short Form (UDI-6) e Overactive Bladder Questionnaire – Short Form (OAB-Q SF).	Após 12 semanas de uso diário de 6,5 mg de prasterona intravaginal, houve redução dos escores dos instrumentos, com diferença estatisticamente significativa ($p < 0,001$), indicando melhora dos sintomas e da qualidade de vida.

Fonte: Elaborado pelos autores (2026), com base nos estudos incluídos na revisão.

Nota para conferência antes da versão final: o texto do método informa um período de publicação de 2016 a 2025, mas a amostra apresentada inclui estudos de 2024 e 2025. É necessário confirmar com a orientadora se o intervalo temporal e os critérios de inclusão serão atualizados.

3.2 Caracterização e síntese dos estudos incluídos

Os três estudos incluídos nesta revisão sistemática apresentaram diferentes delineamentos metodológicos e tamanhos amostrais. Koster e Pereira (2024) realizaram um estudo transversal com 30 mulheres idosas fisicamente ativas, com média de idade de 69,76 ± 7,17 anos, investigando a ocorrência de incontinência urinária, seus fatores associados e as repercussões na qualidade de vida. Silvério e Vieira (2016) desenvolveram um estudo com 50 indivíduos idosos, sendo 25 mulheres e 25 homens, com o objetivo de investigar a ocorrência de incontinência urinária e seu impacto na qualidade de vida. Já Pautasso et al. (2025) conduziram

um estudo observacional de coorte com 21 mulheres na pós-menopausa que apresentavam síndrome geniturinária da menopausa e urgência urinária, avaliando a evolução dos sintomas urinários e da qualidade de vida após 12 semanas de tratamento com prasterona intravaginal..

O estudo de Koster e Pereira (2024), intitulado Incontinência urinária e seus fatores associados em idosas fisicamente ativas, investigou 30 mulheres idosas fisicamente ativas, com idade média de 69,76 ± 7,17 anos. A pesquisa utilizou questionários sociodemográficos, avaliação antropométrica e instrumentos específicos para investigar a incontinência urinária e seu impacto na qualidade de vida, incluindo o International Consultation on Incontinence Questionnaire – Short Form (ICIQ-SF) e o King's Health Questionnaire. Os resultados apontaram a presença de fatores associados à incontinência urinária, como sobrepeso, doenças crônicas, hipertensão arterial e histórico de partos vaginais. A incontinência urinária de esforço foi o tipo predominante entre as participantes. Apesar disso, o impacto na qualidade de vida não foi considerado significativo na amostra investigada.

O estudo de Silvério e Vieira (2016), intitulado Impacto da qualidade de vida frente à incontinência urinária em indivíduos idosos, avaliou 50 pessoas idosas, sendo 25 mulheres e 25 homens, em um centro comunitário no município de Cascavel, Paraná. A investigação utilizou o ICIQ-SF para avaliar a ocorrência de perdas urinárias e seus efeitos. Dos participantes, 28 (56%) relataram incontinência urinária, enquanto 22 (44%) não apresentaram perdas urinárias. Entre as pessoas que relataram a condição, 64,3% eram mulheres e 35,7% eram homens. Os resultados também indicaram repercussões na qualidade de vida, além de episódios de perda urinária relacionados à urgência miccional e a situações como tosse e espirro. Esses achados evidenciam a ocorrência da incontinência urinária entre pessoas idosas de ambos os sexos e sua relevância para a avaliação da qualidade de vida.

Por sua vez, Pautasso et al. (2025) investigaram o uso de prasterona intravaginal em 21 mulheres na pós-menopausa com síndrome geniturinária da menopausa e urgência urinária, sem hiperatividade do detrusor demonstrada no estudo urodinâmico. A intervenção consistiu na administração diária de 6,5 mg de prasterona intravaginal, com reavaliação após 12 semanas. Para mensurar os sintomas urinários e a qualidade de vida, foram utilizados os instrumentos Urogenital Distress Inventory – Short Form (UDI-6) e Overactive Bladder Questionnaire – Short Form (OAB-Q SF). Após a intervenção, houve redução dos escores de ambos os instrumentos, com diferença estatisticamente significativa ($p < 0,001$). Os resultados indicaram melhora dos sintomas urinários e da qualidade de vida das participantes, sugerindo um possível benefício da intervenção nesse grupo específico.

Em conjunto, os estudos demonstram que a incontinência urinária constitui uma condição relevante na população idosa e pode estar relacionada a fatores clínicos, obstétricos e funcionais. Os achados também mostram que suas repercussões na qualidade de vida variam entre as populações estudadas e os instrumentos utilizados. Enquanto um dos estudos identificou impacto não significativo na qualidade de vida de mulheres idosas fisicamente ativas, outro descreveu repercussões entre pessoas idosas de ambos os sexos. Já o estudo com prasterona intravaginal identificou melhora dos sintomas urinários e dos escores de qualidade de vida após a intervenção. Entretanto, as diferenças entre as amostras, os objetivos e os métodos empregados limitam a comparação direta dos resultados.

4 DISCUSSÃO

Os estudos incluídos nesta revisão sistemática abordaram diferentes manifestações urogenitais no envelhecimento feminino, com destaque para a incontinência urinária e os sintomas urinários associados ao período pós-menopausa. Em conjunto, os resultados evidenciam que essas manifestações podem repercutir na qualidade de vida das mulheres, embora a intensidade desses efeitos varie de acordo com as características das participantes e as condições investigadas.

No estudo de Koster e Pereira (2024), realizado com 30 mulheres idosas fisicamente ativas, observou-se a ocorrência de incontinência urinária, com predominância da incontinência urinária de esforço. Entre os fatores associados descritos pelos autores estavam a presença de doenças crônicas, o excesso de peso, a hipertensão arterial, a multiparidade e o histórico de parto vaginal. Esses achados destacam a importância de considerar diferentes aspectos clínicos e obstétricos na investigação das manifestações urinárias em mulheres idosas. Entretanto, o estudo não identificou impacto significativo na qualidade de vida da amostra avaliada, resultado que deve ser interpretado considerando o número reduzido de participantes e suas características específicas (Koster; Pereira, 2024).

Os achados de Koster e Pereira (2024) podem ser comparados aos resultados apresentados por Pizzol et al. (2021), que identificaram associação entre a incontinência urinária e prejuízos na qualidade de vida. De forma semelhante, Shearon e Alexander (2025), ao investigarem 39 mulheres idosas, encontraram associação significativa entre a gravidade dos sintomas urinários e a qualidade de vida. Entretanto, Koster e Pereira (2024) não identificaram impacto significativo nesse desfecho na amostra de mulheres fisicamente ativas avaliada. Essas diferenças podem estar relacionadas às características das populações, aos métodos de avaliação

e ao tamanho das amostras. Além disso, Pizzol et al. (2021) destacaram limitações metodológicas nos estudos analisados, o que reforça a necessidade de interpretar os resultados considerando as particularidades de cada investigação. Dessa forma, embora a literatura aponte uma associação entre incontinência urinária e pior qualidade de vida, a magnitude dessa repercussão pode variar entre os grupos estudados, não sendo adequado generalizar os resultados de uma amostra específica para todas as mulheres idosas.

Em relação à qualidade de vida, Silvério e Vieira (2016) investigaram a ocorrência de incontinência urinária em 50 pessoas idosas, sendo 25 mulheres e 25 homens. Os autores identificaram a presença de incontinência urinária em parte dos participantes e observaram maior proporção de mulheres entre aqueles que apresentavam essa condição. O estudo também descreveu repercussões relacionadas à perda urinária, incluindo episódios ocorridos antes de chegar ao banheiro e durante situações como tossir ou espirrar. Esses resultados contribuem para a compreensão das manifestações urinárias na população idosa, embora a inclusão de homens e mulheres na mesma amostra limite a interpretação específica dos resultados para o envelhecimento feminino (Silvério; Vieira, 2016).

Outra manifestação investigada foi a urgência urinária em mulheres na pós-menopausa. Pautasso et al. (2025) avaliaram 21 mulheres com síndrome geniturinária da menopausa e urgência urinária, sem hiperatividade do detrusor identificada no exame urodinâmico. Após 12 semanas de tratamento com prasterona intravaginal, os autores observaram melhora nos escores relacionados aos sintomas urinários e à qualidade de vida. Embora os resultados sejam promissores, o estudo apresenta uma amostra pequena e um desenho observacional, o que exige cautela na interpretação dos achados e não permite atribuir os resultados exclusivamente ao tratamento.

A síndrome geniturinária da menopausa também merece atenção na investigação da saúde urogenital feminina. Cuccu et al. (2024) discutem as manifestações dessa condição e a importância de considerar abordagens individualizadas para o tratamento. Essa perspectiva amplia a compreensão do tema ao destacar que as manifestações urogenitais podem envolver diferentes sintomas e demandar avaliação individualizada, considerando as necessidades de cada mulher. Entretanto, as evidências dos estudos incluídos nesta revisão ainda são limitadas para estabelecer conclusões definitivas sobre a relação entre essas manifestações, a qualidade de vida e a autonomia funcional.

Ao comparar os estudos, observa-se que as manifestações urinárias podem ser investigadas por diferentes perspectivas, desde a identificação de fatores associados à

incontinência até a avaliação dos sintomas e de suas repercussões na qualidade de vida. As diferenças entre as populações estudadas, os instrumentos utilizados e os objetivos de cada pesquisa dificultam comparações diretas. Além disso, os resultados de uma amostra específica não devem ser generalizados para todas as mulheres idosas, especialmente quando os estudos apresentam número reduzido de participantes ou incluem populações com características distintas.

No que se refere à autonomia funcional, os estudos incluídos não fornecem evidências diretas suficientes para estabelecer uma relação conclusiva entre as manifestações urogenitais e a perda de independência nas atividades cotidianas. Embora os sintomas urinários possam representar uma preocupação para as mulheres e afetar sua qualidade de vida, a autonomia funcional precisa ser avaliada por medidas específicas, que não foram apresentadas de maneira consistente nos estudos analisados. Dessa forma, essa relação permanece uma lacuna importante na literatura examinada.

Entre as limitações das evidências encontradas, destacam-se o número reduzido de participantes em alguns estudos, a diversidade dos métodos de avaliação e a diferença entre as populações investigadas. Também é importante considerar que nem todos os estudos abordaram exclusivamente mulheres idosas, o que restringe a aplicação direta de alguns resultados ao público central desta revisão. Assim, as conclusões devem permanecer limitadas aos desfechos efetivamente investigados pelos artigos incluídos.

Diante disso, os resultados reforçam a importância de investigar as manifestações urogenitais no envelhecimento feminino considerando não apenas a presença dos sintomas, mas também suas possíveis repercussões na qualidade de vida. Entretanto, são necessários estudos com amostras mais amplas, critérios de seleção bem definidos e instrumentos específicos para avaliar a autonomia funcional, a fim de esclarecer melhor a relação entre essas manifestações e a independência das mulheres idosas.

5 CONCLUSÃO

Os estudos incluídos nesta revisão sistemática evidenciaram que as manifestações urogenitais, especialmente a incontinência urinária e os sintomas relacionados à síndrome geniturinária da menopausa, podem repercutir negativamente na qualidade de vida de mulheres idosas. Entretanto, a magnitude desse impacto variou entre os estudos, considerando as diferenças entre as populações avaliadas, os instrumentos utilizados e os delineamentos metodológicos.

Em relação à autonomia funcional, as evidências encontradas foram insuficientes para estabelecer uma relação conclusiva entre os sintomas urogenitais e a perda de independência nas atividades cotidianas, uma vez que esse desfecho não foi avaliado de forma específica e consistente nos estudos incluídos.

Dessa forma, os achados reforçam a importância da identificação e do acompanhamento das manifestações urogenitais durante o envelhecimento feminino, bem como a necessidade de novos estudos com amostras mais amplas e instrumentos específicos para avaliar a autonomia funcional e suas possíveis relações com a saúde urogenital das mulheres idosas.

REFERÊNCIAS

CLARK, A. L.; GOETSCH, M. F. Genitourinary syndrome of menopause: pathophysiology, clinical presentation, and differential diagnosis. Clinical Obstetrics and Gynecology, v. 67, n. 1, p. 13–26, 2024.

COX, S. et al. Genitourinary syndrome of menopause. Medical Clinics of North America, v. 107, n. 2, p. 357–369, 2023.

CUCCU, I. et al. Update on Genitourinary Syndrome of Menopause: A Scoping Review of a Tailored Treatment-Based Approach. Life, v. 14, n. 11, art. 1504, 2024. DOI: https://doi.org/10.3390/life14111504.

EREDICS, K. et al. Urinary incontinence, quality of life, and risk factors in a geriatric cohort. Urologia Internationalis, v. 107, n. 9, p. 866–871, 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico 2022: população e domicílios: primeiros resultados. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

KOSTER, A. K. P.; PEREIRA, P. Incontinência urinária e seus fatores associados em idosas fisicamente ativas. Saúde e Meio Ambiente: Revista Interdisciplinar, v. 13, p. 81–93, 2024. DOI: https://doi.org/10.24302/sma.v13.5105.

PAGE, M. J. et al. The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. BMJ, v. 372, art. n71, 2021. DOI: https://doi.org/10.1136/bmj.n71.

PAUTASSO, S. et al. Intravaginal prasterone for urinary urgency in postmenopausal women without urodynamic detrusor overactivity. Maturitas, v. 199, art. 108620, 2025. DOI: https://doi.org/10.1016/j.maturitas.2025.108620.

PIZZOL, D. et al. Urinary incontinence and quality of life: a systematic review and meta-analysis. Aging Clinical and Experimental Research, v. 33, n. 1, p. 25–35, 2021. DOI: https://doi.org/10.1007/s40520-020-01712-y.

SHEARON, T. L.; ALEXANDER, J. L. Urinary Incontinence and Quality of Life: A Cross-Sectional Study. OTJR: Occupational Therapy Journal of Research, v. 45, n. 1, p. 105–112, 2025. DOI: https://doi.org/10.1177/15394492241256869.

SILVÉRIO, Y. W.; VIEIRA, L. Impacto da qualidade de vida frente à incontinência urinária em indivíduos idosos. Fiep Bulletin – Online, v. 85, n. 1, edição especial, 2016. Disponível em: https://ojs.fiepbulletin.net/fiepbulletin/article/view/85.a1.44.

VALADARES, A. L. R. et al. Genitourinary syndrome of menopause. Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia, v. 44, n. 3, p. 319–324, 2022.

WASNIK, V. B.; ACHARYA, N.; MOHAMMAD, S. Genitourinary syndrome of menopause: a narrative review focusing on its effects on the sexual health and quality of life of women. Cureus, v. 15, n. 11, e48143, 2023.